



EXPLORAÇÃO DAS CONDIÇÕES DOS ALUNOS COM MAIOR DEFASAGEM ENTRE A IDADE CRONOLÓGICA E A SÉRIE EM ESCOLAS RURAS DO NORDESTE

Maria Lúcia Lopes Dallago

Da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará

A Autora agradece a JANE ARMITAGE o acompanhamento que fez a este trabalho.

RESUMO

O artigo se desenvolve em torno da questão do atraso escolar nas escolas rurais do Nordeste focalizando os alunos cuja idade ultrapassa os limites definidos a partir dos padrões oficiais. A idade média dos alunos da amostra (605 escolas, 5.500 alunos) é de 12 anos na 2ª série e 14 anos na 4ª série com uma variação de 8 a 25 anos. A análise qualitativa é feita a partir dos dados quantitativos coletados pelo Programa de avaliação da Educação Rural Básica no Nordeste (EDURURAL), em 1983.

O atraso na entrada para a escola, o seu abandono temporário e a repetência são explicações possíveis mas insuficientes; há necessidade de se compreender as múltiplas determinações do problema através da situação familiar, escolar e do próprio aluno. Reunido os resultados, verificou-se que o grupo de alunos com idade acima dos 11 anos, na 2ª série, e, acima dos 13 anos, na 4ª série, pertencem a ambos os sexos, provêm das famílias mais pobres, com pais analfabetos. Na escola, situada na casa da professora, estão sob a responsabilidade de professora leiga, em classe multisseriada. Através de uma análise conjunta conclui-se serem esses fatos componentes do processo de discriminação a que se acha submetida a população rural.

SUMMARY

The paper looks at the question of over-age pupils in rural schools in the Northeast, focusing on those whose age exceeds that considered appropriate by the education authorities. The age of pupils in the sample (605 schools, 5500 pupils), ranges from 8 to 25 years, with an average of 12 years in the second grade and 14 in the fourth.

Delay in starting school, temporary drop out and repetition are possible explanations for the high incidence of overage pupils. Such explanations are, however, insufficient; it is necessary to try to discover the underlying causes of the problem by studying the family and school conditions of the pupils.

Summarizing the results, it is found that those aged 11 and over in the second grade and aged 13 and over in the fourth grade are more likely to come from the poorest families, and have illiterate parents, and to be found in schools in the teacher house, taught by layteachers (with 4 or less years of school life) in multigrade classes. As a result of the analysis it is concluded that these factors are part of a process of discrimination from which the rural population suffers. Thus the extreme poverty of rural families and inadequate conditions of the schools and teachers interact in a process of discrimination that prevents rural children moving through the school system in the "normal" way.

INTRODUÇÃO

A escolaridade, em seus diferentes níveis, tem apresentado situações problemáticas distintas, quer se trate da aprendizagem individual ou de grupos. Uma delas tem se gerado a partir da alta porcentagem de alunos cuja idade se apresenta em defasagem notável quando referida à faixa de escolarização considerada normal.

O tratamento da questão de um ponto de vista apenas pedagógico se exaure diante da realidade das escolas das periferias urbanas e principalmente, das escolas rurais. Segundo dados de 1983 constantes do Programa

de Avaliação da Educação Rural Básica no Nordeste Brasileiro (EDURURAL), a idade média dos alunos da amostra nos Estados do Piauí, Ceará e Pernambuco, revelou-se ser de 12 anos na 2ª série, com uma variação entre 8 e 25 anos. Tomando-se apenas o Ceará, essa média sobe para 13 anos na 2ª série. Já na 4ª série a idade média corresponde a 14 anos o que vem confirmar que, vencida a etapa inicial, a escolarização decorre em ritmo bastante normal para o aluno.

O quadro geral da situação dos alunos em relação à faixa etária e à série onde se encontram matriculados é visto na tabela 1.

TABELA 1
Porcentagem de alunos de 2ª e 4ª série de acordo com a idade, por estado, 1983.

IDADE	2ª SÉRIE			4ª SÉRIE		
	Piauí %	Ceará %	Pernambuco %	Piauí %	Ceará %	Pernambuco %
8 - 10	22	22	33	2	2	5
11 - 12	36	29	31	17	15	20
13 - 14	26	26	20	32	30	34
15 - 16	12	14	11	32	32	25
17 ou +	4	9	5	17	21	16
Total	100	100	100	100	100	100
Nº de casos	1382	1337	1244	669	352	556

Cumpra esclarecer, inicialmente, as proporções em que ocorre a presença de alunos com idades acima de 11 anos nas classes de 2ª série da amostra. Para todo o conjunto representado na tabela 1 confirma-se uma dispersão de idades que abrange dos 8 aos 25 anos. Se tomarmos o dispositivo legal para o início da escolaridade (7 anos) como marco referencial da adequação idade/série, os alunos da 2ª série de Pernambuco estarão em condições mais aproximadas daquele critério, de vez que 33% tem idade menor ou igual a 10 anos. Tomando-se apenas a faixa daqueles que apresentam idade superior a 14 anos (ver tabela 1) o Ceará apresenta o percentual mais elevado (23%), comparativamente ao Piauí (16%) e Pernambuco (16%). É importante notar que na 4ª série quase a metade dos alunos estão na faixa de 15 anos acima.

Diante dessas observações, pode-se afirmar que o desnível entre a idade e a série, na escola rural, constitui-se "regra" a qual contrapondo-se à concepção de uma escola para crianças, sugerindo exame cuidadoso das condições em que são tratados esses alunos.

O tema que então se desenvolve pode ser resumido na seguinte questão: "Pode-se falar em atraso escolar como fracasso escolar nas escolas rurais do Nordeste?" É freqüente se tomar os padrões oficiais para definir o problema quando, nesse caso, o atraso escolar como expressão do fracasso se apresenta como um fato. Dessa perspectiva, não haveria necessidade de mais estudos, uma vez quantificada essa evidência.

Entretanto, uma análise qualitativa dos dados poderá contribuir para uma compreensão do fenômeno na sua totalidade, nas suas múltiplas determinações. Dessa forma, embora o presente trabalho tenha sido elaborado a partir de dados quantitativos, coletados pelo Projeto de Avaliação do EDURURAL em 1983, a análise que se faz é qualitativa pretendendo explorar as relações entre este fenômeno e determinadas características da escola, da professora e da família visando chamar a atenção para o modo como a escola tem tomado consciência dessa circunstância.

A primeira parte do artigo considera os fatores habitualmente mencionados para o atraso escolar. A segunda parte, apresenta uma caracterização dos alunos que se atrasam, ou seja, que permanecem na 2ª e 4ª séries com 14, 15 e até acima de 17 anos. Serão, também, analisados as condições familiares e escolares desses alunos.

Os dados empíricos nos quais este trabalho se baseia, referem-se à amostra de 605 escolas, em 60 municípios atendidos pelo EDURURAL e outros Programas, nos Estados do Piauí, Ceará e Pernambuco, no ano de 1983, abrangendo um total de 5.500 alunos de 2ª e 4ª séries.

AS EXPLICAÇÕES PARA O ATRASO DOS ALUNOS

A procura dos fatores explicativos do desnível entre a idade e a série escolar, na zona rural, poderá configurar uma especificidade da organização interna da es-

cola rural de modo a sugerir um tratamento diferenciado da mesma visando a melhoria do ensino.

Freqüentemente, são oferecidas as seguintes razões para a defasagem entre a idade e a série dos alunos: atraso na entrada para a escola; abandono e retorno à escola; repetência.

A explicação do atraso na entrada para a escola seria adequada para 2/3 dos alunos de 2ª série das escolas rurais nordestinas, segundo a amostra (3.827) de alunos estudada. Verificou-se que os alunos cuja idade na 2ª série era inferior a 11 anos ingressaram na escola por volta dos 6 anos, enquanto que aqueles com idade igual ou superior a 11 anos, na mesma série, tiveram ingresso mais tardio correspondendo a uma média de 8 anos. Essa situação se mostra bastante uniforme nos três estados e nas duas séries observadas. O teste T realizado demonstrou que essa diferença é altamente significativa ao nível de 1% (ver tabela 2).

Embora considerando-se ser essa uma explicação conveniente, parece, no entanto, envolver questões que merecem maior aprofundamento.

A entrada com atraso na escola pode estar relacionada com o desempenho das tarefas domésticas, como cuidar dos irmãos menores, e, com a necessidade de trabalhar prioritariamente. Há, freqüentemente grandes distâncias a percorrer entre a casa e a escola. Além disso, a própria concepção que os pais possuem ter quanto ao trabalho escolar e o que ele exige da criança pode servir de motivo para que decidam esperar por um maior "amadurecimento" da criança.

Já se observou, também, que nas áreas rurais não se percebem práticas orientadas para a aquisição e desenvolvimento daquelas habilidades necessárias para o desempenho escolar (UNESCO, 1981). Fica, assim, rejeitada a

interpretação do simples desinteresse por parte dos pais na procura tardia da escola.

Outra possibilidade que tem sido utilizada para explicar o desnível acentuado entre idade e a série escolar refere-se ao número de anos de interrupção nos estudos, com alusão freqüente às migrações pelo homem do campo. Segundo depoimentos reunidos nos estudos de caso em 1982, esse afastamento temporário dos alunos só é registrado pela professora quando se estende por mais de dois meses consecutivos. De fato, as professoras talvez por compartilharem da mesma situação de existência dos seus alunos, "elas próprias trabalhando na roça sempre que se faz necessário, evitam assinalar as faltas no diário de classe a não ser quando a ausência do aluno se prolonga por mais de dois meses consecutivos. Isto parece indicar que um período de faltas de 60 dias é percebido como normal ou é o que comumente ocorre e que a experiência do professor registrou como tal" (EDURURAL, Estudos de Caso, 1982, p. 75).

Dentro dos limites expostos, o quadro a esse respeito se mostra semelhante nos três estados pesquisados (tabela 3) onde os alunos mais velhos aparecem com percentuais acentuadamente mais elevados tanto na 2ª como na 4ª série.

Na verdade, a participação precoce na força de trabalho pela criança rural subjaz como explicação primeira no caso da interrupção dos estudos. Martins (1982, p. 8) observa "essa concomitância da escolarização com o trabalho produtivo como uma imposição das condições de existência e das representações da população no meio rural". Assim, mesmo para os alunos entre 8 e 10 anos, entrevistados por aquele autor, esse período não foi apenas de escolarização mas também o do início do trabalho produtivo. Trata-se, pois, de assunto de

TABELA 2				
Idade média do início dos estudos de alunos mais velhos e mais novos, 1983.				
Idade inicial dos estudos (média)	2ª Série		4ª Série	
	Menos de 11 anos	11 anos ou mais	Menos de 13 anos	13 anos ou mais
Piauí	6,7	8,3	6,8	8,3
Ceará	6,2	8,6	6,4	8,0
Pernambuco	6,7	8,7	6,7	8,3

TABELA 3				
Percentual dos alunos que deixaram a escola por um ano ou mais, segundo a idade, 1983.				
% que deixaram de estudar por um ano ou mais	2ª Série		4ª Série	
	Menos de 11 anos %	11 anos ou mais %	Menos de 13 anos %	13 anos ou mais %
Piauí	4	18	6	25
Ceará	6	32	7	39
Pernambuco	6	24	9	31

extremo interesse o das relações entre a escola e o trabalho, no meio rural, para o qual já se vêm algumas contribuições dos pesquisadores brasileiros.

Através do dado "eficiência" o qual se obteve subtraindo da idade do aluno, à época da coleta, a idade em que a criança iniciou os estudos somados aos anos que deixou a escola (caso haja ocorrido), tentou-se verificar o fluxo da criança no sistema escolar (tabela 4). A média de anos que são necessários para que os alunos cheguem à 2ª série difere segundo a idade dos grupos examinados. Para os mais novos, essa média oscila entre 2, 5 a 3 anos, correspondendo, no grupo mais velho entre 4 e 5 anos. É importante notar a esse respeito que a escola se organiza com um período destinado à alfabetização (cartilha), outro ao primeiro ano "fraco" e, ainda, outro, ao primeiro ano "forte", sem se utilizar do recurso da reprovação. Por isso mesmo, no levantamento de dados não se procurou obter um dado exato sobre "reprovação".

A tendência observada na 2ª série se mantém para a 4ª série, considerados alunos mais novos e mais velhos.

Os dados apresentados reafirmam, pois, as explicações vigentes, expondo de maneira clara e indiscutível as relações da escolarização com o contexto social onde ocorre. Na verdade, a entrada tardia para a escola é compreendida numa situação em que o percurso entre a casa e a escola é quase sempre longo e isolado, dependendo o aluno muitas vezes da companhia de irmãos ou de vizinhos. Além disso, a descontinuidade entre as atividades comuns da criança no trabalho doméstico ou agrícola e aquelas exigidas no trabalho escolar reforça nos pais uma atitude de preservação da criança até chegar a uma idade mais amadurecida para o ingresso na escola.

Por sua vez, a interrupção nos estudos representa a colocação do trabalho em primeiro plano determina-

da pelas condições objetivas em que vive a família. Esse fenômeno tem sido assimilado pelas escolas, mesmo contornando orientações dadas pelo sistema de ensino. Enfim, a reprovação — decorrente na maioria das vezes pela interrupção nos estudos — assume caráter normal pela freqüência com que ocorre, não tendo, provavelmente, a conotação de "fracasso", como na escola urbana.

Entretanto, o modo como o sistema de ensino vem avaliando essas ocorrências na escola rural, não tem levado em consideração as determinações do problema. Nesse sentido, cabe perguntar quem são esses alunos que permanecem tantos anos na escola elementar, para encerrar sua carreira escolar antes mesmo de concluir a 4ª série. É sugestivo, pois, caracterizar o grupo cuja idade se situa acima dos 11 anos na 2ª série e acima dos 13 anos na 4ª série.

A CARACTERIZAÇÃO DOS ALUNOS MAIS VELHOS

Tomando-se a amostra por uma das características mais simples, o sexo, pretendeu-se verificar a presença de algumas diferenciações significativas nesse aspecto. A média de idade dos meninos se equivale à das meninas tanto nas 2ªs como nas 4ªs séries, nos três estados. A aplicação do teste T comprovou que não existe diferença significativa entre os grupos mencionados, ao nível de 10%. Vejam os dados na tabela 5.

Das observações da tabela citada, parece razoável afirmar que, uma vez na escola, as condições que cercam a vida escolar se assemelham para os alunos de ambos os sexos. Assim, alunos e alunas de 2ª e 4ª séries se ocupam com atividades de suporte à reprodução da família quer se trate de cuidar dos irmãos, carregar água ou trabalhar na roça. A única diferenciação, nesse aspecto, estaria no tipo de atividade exercida, conforme diz o Relatório de Avaliação (EDURURAL, Rel. Tec., 1981-83): "A dife-

Eficiência (Média)	2ª Série		4ª Série	
	Menos de 11 anos	11 anos ou mais	Menos de 13 anos	13 anos ou mais
Piauí	2,8	4,6	4,5	6,6
Ceará	3,3	4,8	5,0	6,9
Pernambuco	2,6	4,2	4,7	6,3

SEXO	2ª série			4ª série		
	Piauí	Ceará	Pernambuco	Piauí	Ceará	Pernambuco
Masculino	12,4	12,8	11,9	14,5	14,8	14,3
Feminino	12,2	12,7	11,8	14,5	14,9	14,1

renciação que se estabelece no desempenho das atividades conforme o sexo dos alunos, demonstra que há uma tendência dos meninos estarem ocupados em tarefas ligadas ao trato dos animais e o trabalho na roça. As meninas, embora não estando ausentes dessas atividades, tendem a se ocupar em outras mais relacionadas à vida doméstica" (p. 32). Desse modo, não se pode dar ao sexo qualquer valor explicativo no fenômeno do desvio etário que se está examinando, pelo menos para as crianças que conseguiram permanecer na escola.

Considerou-se importante numa exploração preliminar como a que ora se esboça, verificar se os alunos mais velhos se originam de famílias mais pobres ou com menos escolaridade. Na primeira hipótese, utilizou-se o índice de nível econômico elaborado por uma pesquisadora da equipe do EDURURAL (Rel. Téc., 1981-83).

De acordo com aquele índice as famílias se classificam nos seguintes grupos: 1) os que não possuem terra; 2) os que possuem até 25% do módulo; de 26 a 50% do módulo; de 51 a 99% do módulo; de 100 a 200% do módulo; mais de 200% do módulo.

Nesse aspecto constatou-se que um maior percentual dos alunos mais velhos, em comparação aos mais novos, se situa no grupo das famílias que não possuem terra. A diferença testada pelo chi-quadrado é significativa ao nível de 0,01 tanto na 2ª como na 4ª série. Veja-se os percentuais na tabela 6.

Uma consideração, mesmo superficial, como o que sabemos das condições de vida da população rural que não tem terra esclarece, em grande parte, o processo de atraso na escola em que se vê comprometido o aluno proveniente desse grupo. Por outro lado, sugere indaga-

TABELA 6
Distribuição dos alunos de 2ª e 4ª séries por idade, segundo a posse de terra pelos pais.

Posse da Terra	2ª Série		4ª Série	
	Menos de 11 anos	11 anos ou mais	Menos de 13 anos	13 anos ou mais
Não tem terra	55	61	47	54
Tem até 25% do módulo	23	19	26	20
Tem 26 – 50% do módulo	7	8	6	10
Tem 51 – 99% do módulo	7	5	9	7
Tem 100 – 200% do módulo	5	4	4	5
Tem mais de 200%	3	3	8	4
	100	100	100	100
Nº de casos	867	2657	286	110
	χ^2_0 14,3		χ^2_0 18,6	

TABELA 7
Distribuição dos alunos de 2ª e 4ª séries por idade, segundo o nível de escolaridade dos pais, 1983.

Escolaridade dos Pais	2ª Série		4ª Série	
	Menos de 11 anos %	11 anos ou mais %	Menos de 13 anos %	13 anos ou mais %
Ambos analfabetos	30	46	29	39
Um analfabeto, um 1ª – 2ª série	17	19	14	18
Um analfabeto, um 3ª série ou mais	20	16	22	17
Ambos 1ª – 2ª série	9	8	8	11
Um 1ª – 2ª série, um 3ª série ou mais	8	5	11	7
Ambos 3ª série ou mais	16	6	16	9
	100	100	100	100
Nº de casos	906	2610	292	1101
	χ^2_0 150,4		χ^2_0 31,1	

ções quanto à situação daqueles alunos mais velhos cujas famílias dispõem de terra. Nesse caso, embora proprietária, a família se constitui como unidade básica de produção sendo, pois, os filhos parte integrante da força de trabalho. Informações obtidas junto às famílias da amostra (5.012) nos Estados do Piauí, Ceará e Pernambuco revelam que, desse total, entre 64 a 81% utiliza somente a mão-de-obra familiar (EDURURAL Rel. Tec., 1981-83).

Como tem sido repetidamente mostrado por outros estudos (Brandão, Baeta & Rocha, 1983), os efeitos das condições econômicas que agravam a situação de existência de enorme parcela da população brasileira se manifestam sob aparências diversas — da evasão, da repetência e/ou da defasagem idade/série.

Para a análise do nível de escolaridade dos pais, organizaram-se os mesmos em diversas categorias conforme mostra a tabela 7.

Os resultados confirmam a expectativa de que, no grupo de pais analfabetos se encontra o percentual mais alto de alunos mais velhos. Vê-se nesse caso, 46% dos alunos acima de 11 anos de 2ª série enquanto os alunos dessa mesma série, com menos de 11 anos, correspondem a 30%. Inversamente, na categoria onde ambos os pais são escolarizados com a 3ª e acima, apenas 6% dos alunos mais velhos estão aí situados comparados a 16% de alunos mais novos. O mesmo resultado aparece com os alunos da 4ª série embora em menores proporções em relação à 2ª série: no grupo de alunos mais velhos 39% possui pais analfabetos, sendo 29% a proporção no grupo mais jovem. Apenas 9% dos alunos mais velhos têm pais com escolaridade superior à 3ª série em comparação a 16% dos alunos mais jovens.

Pertinente, ainda, ao quadro familiar dos alunos procurou-se um indicador econômico adicional, no caso, a posse de gado. Os dados estão na tabela 8.

TABELA 8
Percentual das famílias segundo a posse de gado

Posse de gado	2a. Série		4a. Série	
	menor de 11 anos %	11 anos ou mais %	menos de 13 anos %	13 anos ou mais %
Não possui gado	64	71	59	65
Possui gado	36	29	41	35
	100	100	100	100
Nº de casos	885	2708	293	1122
	χ^2_0 15,7		χ^2_0 3,6	

TABELA 9
Distribuição dos alunos de 2ª e 4ª série pelo nível de escolaridade da professora segundo a idade, 1983.

Escolaridade da Professora	2ª Série		4ª Série	
	Menos de 11 anos %	11 anos ou mais %	Menos de 13 anos %	13 anos ou mais %
Série 1ª — 4ª	23	30	18	24
Série 5ª — 8ª	36	38	31	33
Curso 2º grau	12	11	15	14
Curso normal incompleto	7	4	9	6
Curso normal e acima	22	17	27	23
	100	100	100	100
Nº de casos	966	2876	317	1195
	χ^2_0 43,2		χ^2_0 7,57	

A diferença encontrada, significativa ao nível de 0,01 e 0,05, respectivamente à 2ª e 4ª séries, revelou melhores condições nesse aspecto, para as famílias dos alunos mais jovens.

O número de pessoas na família foi acrescentado visando maior precisão na descrição do quadro econômico das famílias que estão sendo focalizadas. O número médio de pessoas encontrado foi em torno de 7, não havendo diferenciação entre os grupos de idade. Verificamos, então, uma leve tendência dos filhos das famílias mais pobres se atrasarem mais embora, para todos os alunos, o nível de vida familiar seja muito baixo.

Na verdade, as condições aqui evidenciadas apontam para uma determinação precoce daquelas crianças que serão os "excluídos" da carreira escolar por carecerem do apoio familiar que independe do grau de escolaridade dos pais mas depende da importância que a escola teve nas suas vidas, da valorização da escola pelos pais e pela própria instituição escolar; pelo tempo disponível que os pais podem dar aos filhos além do trabalho e da luta pela sobrevivência. Na situação desses pais, eles tendem a transferir para a professora este período de socialização dos filhos.

No confronto global desses dados o que fica patente é a interligação entre escola e família não sendo possível falar em atraso escolar ou fracasso escolar isoladamente do contexto social e econômico em que acontecem.

Trata-se agora de examinar qual é a escola disponível para esses alunos que demoram mais tempo para percorrer a mesma trajetória escolar.

O ESPAÇO DA ESCOLA NA QUESTÃO DO ATRASO ESCOLAR

O nível de formação da professora poderia apresentar interesse de vez que possibilitaria melhor manejo das técnicas pedagógicas influenciando a eficiência escolar. Assim, seria presumível uma maior concentração de alunos mais velhos no grupo de professoras com mais baixo nível de formação. Vejam-se os dados a esse respeito na tabela 9.

Observa-se uma tendência para os alunos mais velhos terem um percentual mais elevado de professoras leigas, enquanto o grupo de alunos mais novos apresentam menores percentuais nessa variável, o que se observa tanto na 2ª como na 4ª série.

Ademais, conforme se verificou pelos dados deste estudo o grupo de alunos mais velhos também se concentra em maior proporção, nas escolas que funcionam na casa da professora. Esta escola, pelas suas características, tanto foge mais à "normatividade oficial" de que fala Rockwell (1982), mostrando-se mais flexível diante dos limites etários de sua clientela, como ainda reúne maior índice (57%) de professoras com escolaridade até a 4ª série, quando comparadas às escolas situadas em pré-

TABELA 10
Salário da professora sobre o SMR de 1983, segundo a idade dos alunos.

Salário da Professora	2ª Série		4ª Série	
	Menos de 11 anos	11 anos ou mais	Menos de 13 anos	13 anos ou mais
Piauí	98	89	103	97
Ceará	24	17	31	27
Pernambuco	66	62	65	69
Nº de casos	1006	2943	321	1256

TABELA 11
Distribuição dos alunos de 2ª e 4ª séries pelo tipo de classe, segundo a idade, 1983.

Tipo de Classes	2ª Série		4ª Série	
	Menos de 11 anos %	11 anos ou mais %	Menos de 13 anos %	13 anos ou mais %
Multisseriada	54	65	70	74
Seriada	46	35	30	26
	100	100	100	100
Nº de casos	1000	2946	321	1256
	χ^2_0 36,0		χ^2_0 2,7	

dio apropriado. Pensou-se, também, que um maior número de alunos mais velhos poderia ser encontrado nas escolas cujas condições materiais fossem piores. No entanto, análise feita através de um índice que agregava diversos elementos definidores da qualidade material das escolas revelou que não havia diferenciação entre os grupos de alunos, o que vem confirmar que a precariedade no aspecto material atinge as escolas rurais de um modo geral.

Considerou-se, ainda, possível que a formação da professora estaria relacionada com o nível salarial percebido. Na verdade, o nível mais baixo de salário correspondeu às professoras leigas, sob cuja responsabilidade se acham os alunos mais velhos. Na tabela 10 se verifica que o nível salarial mais baixo corresponde aos grupos de alunos mais velhos. (O salário foi calculado dividindo-se o salário real da professora pelo SMR — Cr\$ 30.600, maio/83).

A experiência da professora no magistério foi também examinada, não havendo diferença entre os grupos quando se considera o maior ou menor tempo de serviço das professoras.

Supondo-se que as bases de organização seriada tornariam mais próximas a idade e a série do aluno, seria de se esperar que nas classes seriadas se encontrassem os percentuais mais baixos de alunos mais velhos. Os resultados mostram que dos 2.946 alunos mais velhos de 2ª série, 65% se encontram nas classes unidocentes, em comparação com 54% dos alunos mais jovens. Na 4ª série vemos a mesma tendência sendo a diferença menor. Vejam-se os dados da tabela 11.

Todos esses resultados confirmam os estreitos limites da escolarização para a população rural, somados os efeitos das condições sociais adversas em que a criança sobrevive, àqueles de uma professora leiga, desequipada diante das necessidades de uma classe multisseriada e dividindo seu tempo com os afazeres domésticos quando se trata de escola na sua própria casa. Conjugados, esses fatores são componentes do processo de discriminação a que está submetida a população rural, processo esse que se constitui a própria razão de ser de uma sociedade que sobrevive à custa dessa desigualdade. Indagações como essas, sugeridas pela exploração preliminar que relatamos, serão, certamente, melhor respondidas por estudo de natureza qualitativa que começa a ser desenvolvido.

CONCLUSÕES

Considerando as variações que o fenômeno em estudo possa conter nos diferentes sistemas de ensino e ao mesmo tempo, levando em conta os fatores analisados pode-se agrupar a população acima de 11 anos na 2ª série e acima de 13 anos na 4ª série através das seguintes características: alunos de ambos os sexos constituem esse grupo sendo originário das famílias mais pobres, cujos pais são analfabetos. Na escola, situada na casa da professora, estão sob a responsabilidade de professora leiga em classe multisseriada.

A análise das explicações para a defasagem entre a idade e a série escolar, no presente estudo revelou, mais uma vez, que através do sistema educativo formal, a seleção social se manifesta, conseqüentemente, sob três

formas: por meio da entrada tardia na escola, pela interrupção nos estudos e pela reprovação. A mesma análise revelou a necessidade de se entender o fenômeno na sua totalidade, nas suas múltiplas determinações, muitas vezes, contraditórias às quais os próprios professores procuram dar conta contrariando as orientações dos órgãos "competentes".

Conclui-se, ao final, que embora seja necessário enquadrar a situação educativa das áreas rurais na estrutura econômica e social correspondente, isto não é suficiente, tornando-se imprescindível explorar quais são os mecanismos e articulações que se produzem em tais estruturas entre as características da população que demanda a escola e a forma adotada para essa escolarização. No caso, a especificidade das condições de vida do aluno da zona rural parece indicar a necessidade de se explorar a situação em que a criança e jovens convivem simultaneamente na mesma classe, no cotidiano escolar; importa, igualmente, conhecer quais as experiências vivenciadas pelos jovens alunos no espaço social e pedagógico que a escola oferece e quais as motivações que encontram para continuar freqüentando uma escola modelada supostamente pelos interesses da criança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, Z. *Evasão e repetência no Brasil: a escola em questão*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1983.
- FUNDAÇÃO CEARENSE DE PESQUISA E CULTURA. *EDURURAL: Programa de Avaliação da Educação Rural Básica no Nordeste Brasileiro*. Fortaleza, UFC, 1984. Relatórios Técnicos, 6 e 7
- MARTINS, J.S. A valorização da escola e do trabalho no meio rural. *EM ABERTO*. Brasília, 1 (9), set. 1982.
- ROCKWELL, E. & DE HUELLAS, B.V. Una história cotidiana en la escuela. *Cadernos de Investigaciones Educativas*, (3), 1982.
- UNESCO. Sociedad rural, educación y escuela 1981. Informes finales 1. Proyecto Desarrollo y Educación en América Latina y el Caribe

